

Primeiro, a educação

O GRANDE debate sobre a educação, que devia ser prioritário no Brasil, a cada dia que passa vai cedendo lugar a preocupações contingentes. Ninguém tem dúvida, a esta altura, de que reside na educação a chave do desenvolvimento nacional. Ainda agora, falando à imprensa a propósito da operação policial que desbaratou o tráfico de entorpecentes no Grande Rio, o Juiz Alberto Motta Moraes lembrava o que há tempos disse Albert Sabin, quando esteve entre nós.

SEGUNDO Sabin, que conseguiu dar cabo da paralisia infantil, o Brasil precisa cuidar, acima de tudo, da maior doença que o ataca, ou seja, a ignorância. Empenhadão com todas as suas forças intelectuais e morais na luta contra os tóxicos, o Juiz Motta Moraes, na rápida entrevista que deu durante o balanço da Operação Mosaico II, fez questão de dizer que a marginalidade social e o crime organizado denunciam também o nosso deficiente sistema de educação.

A LADO da saúde e da alimentação, a educação constitui um trinômio obrigatório em qualquer programa

de salvação nacional. Até aí, todos estamos de acordo. O que se vê, porém, na prática é que o debate sobre a educação não só perde em substância, como vai ficando para um segundo e um terceiro planos. Veja-se, por exemplo, o que acontece com o ensino público no Rio de Janeiro.

COMO É notório, os professores estão em greve há mais de cinco semanas. Das conversas entre as autoridades e o Cepe, entidade que reúne os profissionais da educação, resultou um impasse, com razões de parte a parte. Num regime inflacionário, com índices superiores a 20% ao mês, a questão salarial tende a transformar-se em controvérsia permanente. De tudo resulta um quadro profundamente melancólico, ou seja, a educação, que devia ser e é a prioridade número um, acaba esquecida e até desaparece da cogitação dos próprios profissionais.

TEM RAZÃO, por isso mesmo, a Associação dos Pais e Alunos em favor do Ensino Público, quando reclama a imediata volta às aulas. Há escolas que, em todo um semestre, não chegaram a ter um mês corrido de aulas. O

problema da educação parece reduzido a uma questão de piso salarial.

POR MAIS justas que sejam as reivindicações, e ninguém nega que os professores devem ser bem remunerados, não faz sentido a escola transformar-se em palco do grevismo do que vem deixando de ser o corpo docente, ou o magistério, para ser apenas a "categoria".

O RIO de Janeiro foi sempre o grande laboratório das grandes propostas renovadoras da educação nacional. Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Gustavo Capanema, Lourenço Filho, Francisco Campos e tantos outros aqui tomaram parte num debate que não pode ser esquecido, nem interrompido. Há muitos anos, desde o Governo Lacerda, o Rio não tem um projeto educacional coerente e viável. Depois da aventura demagógica dos Cieps, tocado às pressas com o concreto de aparência eleitoral, já é hora de pensar na educação como uma proposta orgânica e racional.

O ESTADO e a "categoria" podem começar a pensar nisto.